**RESENHA DO “O NOTURNO DO TEMPO EM *CICATRICES* DE JUAN JOSÉ SAER”**

O artigo é desenvolvido no objetivo de percorrer as quatro narrações de *Cicatrices* (1969), de Juan José Saer, demonstrando a centralidade do tempo como tema central do romance e, ademais, como formalização de uma nova postura estética no conjunto da obra do escritor argentino. Em se tratando da estrutura tem-se que a obra encabeça a fase denominada “experimental” em que se percebe um acirrado apuro no trabalho com o tempo da narrativa. Essa fase é composta por obras que intensificam o teor objetivo na forma de narrar, técnica emprestada do *Nouveau Roman*. No que tange ao conteúdo tem-se que o romance dialoga potencialmente com o tempo, por meio de quatro narradores que buscam maneiras de superar a sua diacronia. É nesse movimento esquemático entre estrutura e conteúdo que a relação entre tempo e espaço se mostra coesa no interior do romance: o tempo se apresenta como força de formatação das ações das personagens. Segundo Kant (2002) o tempo é um *a priori* de sentido interno, ou seja, acompanha interiormente a relação do homem com o mundo. É nessa perspectiva que o tempo se apresenta para as personagens como noturno, como força que aprisiona os seus movimentos. As personagens se veem em situações de extremo conflito, mas não conseguem retirar-se desse lugar e, assim, são levadas pelo movimento dos dias. Buscando uma ação efetiva contra o tempo diacrônico as personagens-narradoras gesticulam novas linhas de temporalidade por meio de um jogo sincrônico com o tempo. O conflito com o tempo é instaurado em quatro movimentos diferentes das personagens: a representação, o jogo, a tradução e o sentimento de entrega ao destino. Essas ações acentuam a relação conflituosa das personagens com o tempo, no gesto de embate e, no último caso, de entrega ao movimento do tempo.

O artigo, assim, apresenta a perspectiva do primeiro narrador – Ángel − que vive uma vida familiar complicada com sua mãe, após, a morte do pai. A figura do pai foi sempre muito ausente e a personagem chega a afirmar que “(…) mi padre era un hombre tan insignificante que la más pequeña hormiga del planeta que hubiese muerto en su lugar habría hecho notar su ausencia más que él (SAER 2003, p. 13). A relação conturbada com a mãe faz com que a personagem busque, cada vez mais, passar seu tempo na rua: entre o emprego, a casa dos amigos e suas andanças pela cidade. É como se a personagem procurasse novas formas de relação com o mundo, delineando outras linhas de temporalidade. Nesse projeto, tem-se que Ángel é indicado por seu amigo Tomatis para a vaga de redator das previsões climáticas do diário no qual ele trabalha. Ángel que não conseguia entender os equipamentos de medição climática começa a copiar e inventar seus boletins do tempo. Essa brincadeira com o público leitor provoca uma resposta cômica, já que as pessoas começavam a tomar como verdade aquilo que era apresentado no diário e, assim, sentiam aquilo que era prognosticado nos boletins. Essa vertente de representação é o primeiro movimento das personagens em relação ao tempo. Outra postura amplamente significativa de Ángel é seu encontro com seu duplo, nas deambulações pela cidade. Esse outro de si mesmo traz dimensões novas de temporalidade que produzem um ruído quando se dá a aproximação entre os dois.

O artigo pontua o segundo gesto temporal na postura de Escalante que absorto pelo vício do jogo, empenha-se em criar hipóteses no objetivo de ultrapassar a passagem do tempo. Em um trabalho de vigor a personagem se lança no paradoxo do jogo, como afirma Iser (2002): na manutenção da diferença e no encalço de vencer a aposta, o que, por conseguinte, encerra o próprio jogo. Escalante prioriza o momento da diferença, do lançamento da aposta e, por isso, sai perdedor das mesas: sua vontade iterativa de instaurar sua hipótese o impede de deixar o jogo. É nesse movimento que a personagem degrada-se completamente, perdendo tudo o que possuía inclusive sua própria família. O gesto dessa segunda personagem demonstra o conflito com o tempo como passagem, a busca por instaurar uma hipótese própria. O projeto da personagem é narrado pormenorizadamente de forma que o leitor sente a angústia das idas e vindas de Escalante na busca por recursos e na perda de tudo nas mesas de apostas. O mais intrigante na narrativa de Escalante é quando a personagem constata que “(...) Juegan con trampas, Delicia, dije yo. No se atreven, y juegan con trampas. Mi abuelo sabía” (SAER, 2003, p. 93). É evidente a motivação de Escalante no jogo: atrever-se a lançar uma hipótese. Essa é a razão que prende a personagem no jogo, o movimento de projetar novas linhas de sentido, de ultrapassar a sucessão do tempo.

O terceiro narrador é o juiz Ernesto que designado para investigar o assassinato da mulher de Fiore interroga o marido, único suspeito do crime. A história de Fiore é aquela que une as quatro narrativas, já que essa personagem é um dos companheiros de prisão de Escalante − quando foram presos por defender a sede do sindicato – e Ángel narra o suicídio de Fiore no momento em que presencia o seu interrogatório. Como os outros narradores, o juiz Ernesto é, também, colapsado por uma vida de intensos traumas familiares. Um caminho de escape é o recurso das perambulações pela cidade em seu automóvel. Ernesto narra pormenorizadamente a entrada e saída das ruas e avenidas que se processa sem nenhum objetivo concreto senão o foco no próprio movimento de afastamento e aproximação dos lugares. A relação da personagem com o mundo é descrita com um forte desapego e uma das únicas coisas que é priorizada pela personagem é a tradução de *The picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde. Esse gesto de tradução retoma o movimento de repetição, já que não se observa a preocupação em concluir o trabalho, ao contrário, percebe-se o sempre revolver sobre o mesmo trecho do livro. O primor em que a personagem encara esse descompromissado trabalho acentua a sua busca por estabelecer novas formas de relações com o mundo, ou seja, novas linhas de temporalidades.

Termina-se o ensaio com o foco sobre a narração de Fiore, personagem que conta os pormenores do dia em que matou sua mulher. Nesse último episódio de *Cicatrices* percebe-se uma nuança de predestinação nos atos de Fiore: ele pressente o fim que se avizinha e afirma não conseguir escapar do destino. Essa perspectiva do último relato põe em evidência o tempo como um inimigo que não pode ser burlado, que produz um sentido já, anteriormente, formatado. A própria personagem já inicia a narração afirmando conhecer o futuro que lhe aguarda: "Debe matarme el primero que me encuentre." (SAER, 2003, p. 135). Fiore percebe-se incapaz de sair do lugar que ocupa e, mais que isso, sente-se levado pela ciranda do tempo. A própria filha do casal teve um sonho, na noite anterior, no qual viu os fatos se processarem como no ocorrido. Diferentemente às anteriores, na narração de Fiore não se percebe nenhum recurso sendo utilizado pela personagem como forma de criar novas linhas de temporalidades. É como se a personagem se instaurasse no interior de um mecanismo que o conduzisse até o final trágico.

O artigo, assim, procura revelar essas quatro nuanças de relação com o tempo, em que o seu aspecto lúgubre é posto em relevo. As personagens colidem-se com a força do tempo na medida em que buscam criar novas formas de relação com o mundo. O tempo funciona como um eversor, como uma força que provoca sensações de atordoamento nas personagens. É nesse aspecto que os três primeiros narradores procuram confeccionar outras linhas de temporalidade por meio da representação, do jogo e da tradução. O escopo é vencer o processo de alinhamento do tempo. A postura da última personagem salienta a formalização do tempo como conteúdo interno que não pode ser transposto, já que acompanha os movimentos das personagens. É nesse teor que o romance finaliza demonstrando essa nuança de destino que pode ser o grande aspecto lúgubre do tempo, já que desestruturaria as dimensões outras ou a própria liberdade de ação da personagem.